

ANTES SÓ DO QUE MAL ACOMPANHADA: O RISCO DE CASAR-SE COM O ESPÍRITO DE SEU TEMPO – UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE REVITALIZAÇÃO DE IGREJA DOS MOVIMENTOS *SEEKER-SENSITIVE* E EMERGENTE

*Emilio Garofalo Neto**

RESUMO

Este artigo aborda as características e limitações de dois movimentos eclesiais de origem norte-americana que têm pretendido ser uma resposta às necessidades do complexo mundo atual. Um deles é o movimento “seeker-sensitive” (sensível ao interessado), tipificado pelas megaigrejas existentes nos Estados Unidos, Brasil e outros países, que, raciocinando em termos mercadológicos, procura atrair adeptos atendendo a uma enorme gama de gostos, interesses e aspirações característicos da moderna sociedade consumista. Todavia, o autor dedica maior atenção ao chamado MIE (Movimento de Igreja Emergente), que, na ânsia de falar ao homem pós-moderno, acaba negando ou menosprezando a tradição e a doutrina cristã, enfatizando, em vez disso, o mistério, a comunidade e a experiência pessoal. Nesse esforço, o MIE privilegia o pluralismo e relativismo da pós-modernidade e abraça práticas medievais e antigas. O autor alerta para o perigo que corre toda igreja que procura se identificar acriticamente com o espírito da época, seja ela moderna ou pós-moderna, porque isso pode ocorrer às expensas da fidelidade a Cristo e sua Palavra. Embora o artigo não tenha em mente sugerir propostas alternativas e detalhadas de revitalização da igreja, procura indicar alguns rumos com base na metanarrativa bíblica de criação-queda-redenção-consumação e nas doutrinas históricas da obra de Cristo, da justificação pela fé e da santificação.

* O autor obteve seu Ph.D. no Reformed Theological Seminary em Jackson, Mississippi. Pastoreia a Igreja Presbiteriana Semear, em Brasília (DF). É professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano de Brasília e professor visitante do CPAJ na área de Teologia Pastoral.

PALAVRAS-CHAVE

Igrejas *seeker-sensitive*; Igrejas emergentes; Revitalização da igreja; Espírito da época; Modernidade; Pós-modernidade; Pluralismo; Relativismo; Racionalidade; Metanarrativa; Doutrina.

INTRODUÇÃO

“Minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais. Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não”. Assim escreveu Belchior para que tantos cantassem em “Como nossos pais”. A ideia é de que o mundo vai mudando, achamos que novos caminhos se abriram e que seremos inovadores e encontraremos novas formas de responder a este mundo. Mas no fundo não há tanta diferença assim, não há nada novo debaixo do sol, como disse outro poeta. Quando começamos a pensar acerca de revitalização de igreja, uma ideia comum é de que deve haver uma fórmula secreta nunca antes explorada que finalmente fará tudo ficar bem. Nisto vivemos como nossos pais e, como eles, achamos que somos únicos e encontraremos a solução ímpar. Neste artigo refletiremos um pouco sobre tentativas recentes de lidar com o mundo e revitalizar a igreja, mas que vão longe demais e se vendem aos ídolos de sua época, os quais continuam em geral sendo os mesmos de antes.

Iremos nos deter em dois exemplos recentes de tentativas de revitalização: o movimento *seeker-sensitive* e o movimento de igreja emergente (MIE). Iremos mostrar como os dois tiveram por objetivo uma revitalização de igrejas supostamente moribundas, mas erraram e não atingiram seus objetivos. Ao cederem demasiadamente ao espírito de seu tempo, levam em última instância à viuvez e irrelevância.¹ Iremos sugerir, brevemente, direções para uma rota mais segura para a verdadeira revitalização bíblica.

Como fora para os israelitas vivendo em Babilônia, há inúmeros perigos e desafios para a igreja exilada no mundo urbano no século 21. As dificuldades envolvem ministrar a uma cultura que se porta como um camaleão, em meio a uma sociedade urbana fraturada e repleta de cosmovisões extremamente variadas. Isso tem levado a igreja a buscar maneiras de se aproximar e alcançar a cultura ao seu redor. É saudável que a igreja tenha percebido a necessidade de pensar em formas específicas para se relacionar com a população das cidades e lidar com os diversos desafios urbanos.² Muitas vezes a igreja, sem perceber, já

¹ A frase vem de William Ralph Inge: “Aquele que se casa com o espírito de sua era acaba viúvo na próxima”.

² No mundo evangélico ocidental, alguns missiólogos foram especialmente importantes em buscar entender o contexto e desenvolver ferramentas para lidar com o público urbano. Exemplos são Harvie Conn, Manuel Ortiz, Ray Bakke e Roger Greenway. Mais recentemente, Tim Keller e outros vêm fazendo reflexões importantes acerca do ministério urbano. Vale consultar, por exemplo, o livro de Keller intitulado *Igreja Centrada* (Vida Nova, 2014).

está sendo influenciada pelo pensamento de seu tempo. O pastor presbiteriano Francis Schaeffer mostrou que as ideias geralmente percorrem um caminho interessante: da filosofia vão para outros ramos da academia; saindo da esfera acadêmica elas penetram no mundo das artes, passam pela cultura popular e eventualmente chegam à igreja!³ No caso dos movimentos *seeker-sensitive* e emergente, ocorre algo semelhante. Estão reagindo e imitando ideias que já se encontram na cultura popular há um bom tempo. Vamos aqui investigar como esses movimentos bebem, por vezes sem perceber, da fonte suja dos bebedores modernos e pós-modernos, e como nossas igrejas locais têm sido influenciadas por isto. A importância do tópico é muito mais do que saber se o que tais movimentos oferecem é bom, mau ou péssimo. Esta discussão se insere na questão maior acerca de como agir em termos de plantação e revitalização de igreja em centros urbanos. A grande alegação desses movimentos é de supostamente serem a melhor forma de alcançar sua geração. Trataremos primeiramente do movimento *seeker-sensitive*, mas gastaremos bem mais tempo com o movimento de igreja emergente, por ser menos explorado e mais recente.

1. MOVIMENTO *SEEKER-SENSITIVE*⁴

Ao longo do século 20, o desenvolvimento tecnológico, a crescente expansão dos meios de comunicação de massa e a revolução digital fizeram com que fôssemos conectados de maneiras nunca vistas antes (mesmo antes da internet, já com o telégrafo e o rádio!). Anteriormente, notícias do que se passava na Europa ou na Ásia levavam meses para chegar até a América. Hoje passamos a ter acesso às notícias em tempo real. Os meios de comunicação e reprodução técnica serviram para difundir com mais rapidez os produtos culturais como a música e os filmes. A maior produção de marcas e produtos aliados ao *boom* do marketing trouxe-nos a difícil tarefa de decidir entre 17 tipos de pasta de dente e 35 opções de pão-de-queijo no mercado. Temos opções de consumo como nunca se viu antes na história.

³ Ver o livro de SCHAEFFER, Francis. *O Deus que intervém*. São Paulo: Cultura Cristã, 1998. Geralmente quando essas ideias chegam à igreja, o mundo acadêmico já as está abandonando em busca de algo novo. A igreja busca ser “relevante” para o tempo atual e na verdade está seguindo moda que já saiu de moda. O melhor mesmo é simplesmente evitar modas e ser contracultural. Veremos no final do artigo um pouco sobre como fazer isso.

⁴ Pode ser literalmente traduzida como “sensível ao que está buscando”, um conjunto não-uniforme de metodologias de crescimento de igrejas. Outro nome seria o de *market-driven church* – igreja direcionada pelo mercado. Ou ainda *seeker-friendly*: amistosa para com os que buscam. Algumas das maiores são a Willow Creek Community Church, em Chicago, cujo líder é o imensamente popular Bill Hybels, e a Saddleback Church, em Lake Forest, na Califórnia, liderada por Rick Warren. Mais recentemente apareceu Joel Osteen e sua gigantesca Lakewood Church, em Houston. Enquanto Warren ainda mantém uma teologia em geral evangélica, outros como Joel Osteen abandonam o evangelho em troca de promessas de melhoria pessoal e prosperidade. Vale notar que vários dos defensores dessa abordagem vêm repensando estratégias e objetivos. Mas a influência internacional do movimento permanece firme.

Isto ajuda a entender o clima com que a igreja se deparou nos Estados Unidos na segunda metade do século 20. Por um lado, a enorme oferta de bens e serviços, conhecimento acerca de novas ideias e produtos, uma cultura de marketing que vive dizendo que você é especial e merece tudo de bom. Por outro lado, as igrejas vinham aos poucos perdendo seus membros, desinteressados em participar de comunidades nas quais o evangelho não aparecia nem no púlpito nem na prática.⁵ O que saiu desse caldeirão? A igreja *seeker-sensitive*. Esse movimento está ligado ao evangelicalismo contemporâneo nos Estados Unidos, que, diferentemente das igrejas históricas, busca se definir pelo mínimo denominador comum, deixando de lado distintivos teológicos e doutrinas potencialmente divisivas. A ideia é a seguinte: temendo que o evangelho estivesse se tornando irrelevante neste mundo moderno, decidiram oferecer uma igreja em que o visitante fosse tratado como um consumidor de produtos ou um expectador de grandes produções midiáticas. Tratado como um cliente que sempre tem razão. Afinal, ele está acostumado a ser paparicado nos supermercados, a ser bem tratado nos teatros, a ter um enorme cardápio de opções em toda esfera da vida. Que tal criar uma igreja onde se apresente um ambiente não-ameaçador, onde o visitante/membro sinta-se livre de pressões, no controle da situação, dono de suas escolhas e tudo seja feito para agradá-lo? Bem-vindo à megaigreja, onde os adoradores são como consumidores num shopping center ou num grande festival de música.

Como isso se mostra na prática? Para começar, um diferente tipo de pastor passa a ser buscado. Não importa mais tanto conhecer as línguas originais, não se busca alguém que conheça doutrina profundamente, que seja bom no cuidado das ovelhas e tenha vida marcada pela maturidade cristã, mas alguém com boa capacidade de gerenciamento e mais semelhante a um bom empresário, carismático e vigoroso. O maior investimento da igreja não é mais em discipulado e teologia, mas em aparência, em comunicação, em equipamentos multimídias.

Quais são as estratégias para seduzir os clientes? Há todo tipo de peripécia e artimanha debaixo do sol. Em listar todas há canseira e enfado, então vejamos apenas algumas linhas gerais. Várias igrejas começaram a erigir instalações megalomaniacas e oferecer a oportunidade de adorar junto a milhares de pessoas e ainda apresentar amenidades para seus clientes: quadras de basquete com arquibancadas e vestiários, serviço de troca de óleo para seu carro durante o culto, boliche, saunas, salões de beleza, Starbucks, McDonald's, tudo isto em nome de atrair descrentes para o evangelho. A princípio isto é atraente e novo, mas logo vira lugar comum. Além disto, as inovações não podem estagnar,

⁵ Neste momento histórico, boa parte das igrejas norte-americanas estava contaminada pelo liberalismo moralista que mata a esperança e desestimula a santidade. Outra parte havia fugido do mundo real em exageros de isolamento cultural e legalismo, tolhendo a liberdade cristã. Havia pouca coisa disponível em termos de igreja realmente saudável. Gerações em todo o país não conheceram igrejas verdadeiramente vibrantes e saudáveis.

ou o produto fica velho. Toda sorte de ideia espetacular vem sendo tentada e amplificada. Utilize camelos entrando no “palco” na época do Natal. Faça com que os pastores desçam no palco em cordas de rapel na hora de pregar. Utilize o que for preciso para tornar o momento de música mais adequado. Se for necessário, use louvor com lasers, simulação de milagres, o que for! Faça simulações, jogo de cena, luta-livre, traga humoristas, dançarinos de tango, teatros... A criatividade não tem fim! Trate seu visitante como um cliente e faça de tudo para agradá-lo e para não sentir como se estivesse, bem, numa igreja. Por isto, pregadores, muito cuidado: nada de falar de temas difíceis (inferno, divórcio...), nada de usar palavras complicadas (expição, imputação), nada de muita doutrina, mas apenas dicas práticas para a vida e muitas histórias para divertir o povo, com uma pitada de autoajuda para ficar com um ar de espiritualidade. Aliás, a pregação é quem mais sofre na igreja *seeker-sensitive*. Seu tempo é diminuído a fim de não ser desconfortável. O púlpito é tomado por palestras práticas sobre o cotidiano e pela sabedoria vigente da época.⁶

A fim de servir melhor o cliente, era necessário mudar a forma tradicional de fazer música e de pregar. Na parte da música observa-se um crescente movimento de trocar o cântico congregacional (onde todo mundo canta) por cantores profissionais que se apresentam em produções de alto nível técnico; o povo assiste ao invés de fazer. Ampliou-se o tempo dedicado à música, diminuindo o de pregação. Esses são apenas alguns elementos que marcam a megaigreja, repleta de superproduções e geralmente desprovida das marcas de uma igreja saudável.

Resultado: a megaigreja ganhou terreno nos Estados Unidos e em outras partes do mundo. Por aqui, em terrenos sul-americanos, ela não se firmou da mesma forma que lá, mas diversos elementos aparecem nas mais variadas denominações brasileiras. Uma igreja pode ser histórica e conservadora em certos elementos *ao mesmo tempo* em que adota práticas e ideias *seeker-sensitive*. É cada vez mais comum pastores bem-intencionados não perceberem o que estão criando ao se deixarem levar por modelo assim: acham que estão adaptando seu modelo aos tempos quando na verdade estão capitulando a um modelo antibíblico. Muitas vezes as igrejas absorvem apenas elementos, princípios e ideias de um movimento, sem necessariamente comprar o pacote todo. Assim muitas igrejas presbiterianas, batistas e metodistas começaram a fazer concessões específicas em certas áreas a fim de se tornarem mais palatáveis ao gosto do freguês. Passa a haver uma grande mistura de elementos tradicionais e inovações. Por exemplo, igrejas presbiterianas acabam por rejeitar sua própria teologia de culto e pregação por buscar um caminho supostamente mais alinhado com o tempo. O problema maior não é que se considere a

⁶ Ver: GOMES, Wadislau Martins. Psicologização do púlpito e relevância na pregação. *Fides Reformata* X-1 (2005): 11-29.

possibilidade de modernizar ou rever algumas coisas. O verdadeiro problema reside no fato de que muitos líderes simplesmente compraram a ideia de que o povo de hoje em dia não aceita mais as velhas formas, e o único caminho do sucesso (medido por parâmetros não-bíblicos) é mudar e tornar o pacote mais agradável ao consumidor.

Mas será que funciona? Parece que sim, pois afinal essas igrejas têm dezenas de milhares de membros, não é mesmo? O primeiro problema é que este tipo de comunidade e ministério da palavra gera em sua enorme maioria cristãos rasos com uma mentalidade consumista. Estes eventualmente irão buscar algo mais sólido em outro lugar ou abandonam a igreja de vez. Curiosamente, vem ficando mais claro que a grande maioria dos membros das megaigrejas não é composta de descrentes que vieram ao evangelho por meio delas, mas de crentes que migraram para ali vindo de igrejas menores e menos, digamos, animadas. Além disso, a medida puramente numérica não é o critério bíblico de fidelidade ao Senhor, mas os frutos de santidade, semelhança com Cristo, ser sal e luz do mundo. A mensagem do evangelho é frequentemente modificada de boas novas de salvação para pecadores em algo açucarado, palatável e, infelizmente, nada nutritivo. Levaram anos recebendo leiteinho espiritual e agora passaram não para uma comida sólida, mas para algodão-doce espiritual.⁷

A modernidade, na qual a igreja *seeker-sensitive* se sustenta, já nasceu fadada à derrota, como qualquer projeto de autonomia humana. Embora boa parte da igreja tenha se enamorado dele, o pensamento moderno nunca foi um bom partido para casar. Muitos pensadores eventualmente perceberam que a maneira de pensar moderna não satisfazia os seus próprios critérios de racionalidade. De forma semelhante, começou-se a perceber que a própria moralidade moderna não fazia muito sentido (para que ser bom se tudo vem do acaso?). A pós-modernidade foi o resultado.⁸ E como a igreja reagiu? Divorciou-se de seu moribundo marido e casou-se com o novo espírito de seu tempo; sem nem mesmo esperar o cadáver esfriar.

2. O MOVIMENTO DE IGREJA EMERGENTE (MIE)⁹

Esse movimento pode ser visto principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, embora seus ecos possam ser ouvidos e percebidos no

⁷ Devo essa comparação a meu caro amigo Josaias Cardoso Ribeiro Júnior.

⁸ Claro, não temos tempo de ficar falando sobre o que é a pós-modernidade. Basta dizer que esta é no fundo a modernidade levada às suas últimas consequências éticas, epistemológicas, estéticas, etc. Para o iniciante no assunto, sugiro ler o capítulo de James Sire sobre pós-modernismo em *O Universo ao Lado* (United Press, 2009), a fim de conhecer melhor essas pontes entre modernidade e pós-modernidade.

⁹ Nem todas as igrejas (ou comunidades ou seja o que for) que estão debaixo desse guarda-chuva pensam de igual modo, mas há elementos suficientes em comum para podemos falar em um movimento. Como veremos mais adiante, quando elementos do MIE chegam ao Brasil, eles muitas vezes vêm em partes. Igrejas tradicionais adotam uma ou outra prática mesmo sem comprar toda a ideia emergente.

Brasil¹⁰ e em outros países. Este é um fenômeno ou um movimento primariamente ocidental e urbano, em sua maioria composto de jovens brancos da chamada Geração X (ou mesmo da Y). O MIE tende a ser predominantemente branco e jovem.¹¹ Meister lista as características básicas do MIE: pluralismo, protesto contra formas e até mesmo conteúdos modernos, alcance missional¹² como objetivo maior e experimentos no culto e na vida comunitária.¹³

O MIE é algo muito fluido, sendo difícil incluir todo mundo debaixo de um mesmo guarda-chuva. Há grande variedade teológica, litúrgica e no entendimento de questões como envolvimento cultural e político. Pode-se, entretanto, fazer algumas generalizações, identificando tendências e elementos comuns.¹⁴ Há, é claro, diferenças entre seus subgrupos. Alguns desejam

¹⁰ Mauro Meister escreveu acerca do ramo brasileiro do movimento em seu artigo: “Igreja emergente, a igreja do pós-modernismo? Uma avaliação provisória”. *Fides Reformata*, XI-1 (2006), p. 95-112. Quase uma década após Meister publicar seu artigo, há vários outros grupos que buscam seguir e/ou adaptar formas emergentes em sua eclesiologia. Geralmente igrejas históricas acabam adotando certos elementos do MIE sem analisar a carga emergente ou mesmo pagã. Um exemplo é a *lectio divina*. Trataremos destas questões mais adiante. Vale notar ainda o crescente número de publicações em português de autores importantes do MIE como Brian McLaren e Rob Bell.

¹¹ Isso levanta a importante questão da diversidade de idade dentro da igreja. Uma congregação realmente diversificada deveria ter crianças e idosos, jovens e maduros, demonstrando o alcance do evangelho vivido em diferentes gerações. Infelizmente, muitas das igrejas não podem seguir as instruções de Paulo a Tito sobre mulheres mais velhas ajudarem as mais novas e os homens mais velhos poderem ajudar os mais novos. Em geral não há homens e mulheres mais velhos, havendo enorme similaridade etária entre os membros e apenas (talvez) o pastor sendo mais velho.

¹² Vale notar que o termo “missional” vem sendo usado por grupos diversos e em sentidos diversos. Não suponha que todos os que falam a respeito de a igreja ser missional estão dizendo a mesma coisa.

¹³ MEISTER, Igreja emergente, p. 105-111.

¹⁴ Normalmente se consideram quatro grandes subdivisões dentro do MIE: 1) aqueles que meramente tentam contextualizar a mensagem cristã para a cultura pós-moderna; 2) aqueles que buscam reestruturar a igreja enquanto mantêm, em menor ou maior grau, uma visão ortodoxa da Bíblia; 3) aqueles que vão além desses dois grupos e buscam rever doutrinas como a expiação e a inerrância e, finalmente, 4) um grupo que é emergente em elementos metodológicos enquanto distintamente reformado em sua teologia (JOHNSON, Philip. Joyriding on the downgrade at breakneck speed: the dark side of diversity. In: JOHNSON, Gary L. W.; GLEASON, Ronald N. (Orgs.). *Reforming or Conforming? Post-Conservative Evangelicals and the Emerging Church*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2008, p. 212). Este último grupo é, na mente de muitos, confundido com o movimento neocalvinista ou *Young, Restless and Reformed* (jovens, inquietos e reformados). Este é um movimento de orientação calvinista em sua soteriologia, mas não necessariamente em diversos aspectos eclesiológicos como governo de igreja, culto e sacramentos. Ver: HANSEN, Collin. *Young, Restless, Reformed: A journalist's journey with the new Calvinists*. Wheaton, IL: Crossway, 2008. Os emergentes normalmente reagem fortemente a serem chamados de movimento, preferindo o termo “conversa”. Alguns líderes emergentes como Brian McLaren param inclusive de utilizar o termo “emergente” por ser um termo confuso e opaco. Entretanto, o objetivo do próprio grupo tem sido essa falta de clareza e definição. Não conseguir ser claro acerca do que a Bíblia ensina não parece incomodá-los, mas ficam profundamente incomodados quando os de fora não são claros a respeito deles. Curiosamente, os proponentes de outro movimento teológico contemporâneo, a Federal Vision (Visão Federal), também resistem à classificação e dizem que seus críticos fazem generalizações a seu respeito que não são verdadeiras. As reclamações comuns dos membros tanto da FV quando do

apenas fazer mudanças cosméticas no formato de igreja e sua apresentação, ao mesmo tempo que mantêm a teologia tradicional e o conteúdo do evangelho. Boa parte do MIE, entretanto, afirma abertamente que seu objetivo é muito maior do que simplesmente ajustar o formato de igreja: seu projeto é rever crenças acerca de Deus, Jesus, a salvação, as Escrituras e a igreja. Rob Bell, por exemplo, em seu livro *Love Wins* (O amor vence) tem ensinado uma forma de universalismo (a ideia de que, no final das contas, todos os seres humanos serão salvos).¹⁵ Steve Chalke chama a doutrina da morte substitutiva de Cristo de “abuso infantil cósmico”.¹⁶ Brian McLaren não somente endossa o livro de Chalke como tem sua própria enorme gama de erros teológicos acerca de salvação, inferno, identidade cristã, escrituras, pecado... A lista é gigantesca e desanimadora. McLaren é vendido no Brasil como se fosse um novo mestre da espiritualidade sincera e generosa. Ao mesmo tempo em que afirmam categoricamente heterodoxias diversas, insistem que não podem ser criticados, pois ainda estão investigando e crescendo na jornada.

Alguns dos nomes mais relevantes no movimento são Dan Kimball, Doug Pagitt, Rob Bell, Peter Rollins, Spencer Burke e Brian McLaren. Alguns dos teólogos mais robustos que tentam legitimar esse uso do pós-modernismo são Stanley Grenz, John Franke¹⁷ e N. T. Wright. Como esse movimento começou?

2.1 De *seeker-sensitive* para *emergente*

O mundo ocidental eventualmente começou a se desiludir com o modernismo. A ideia de que nossa racionalidade, ciência e progresso acabariam com os problemas do planeta mostrou-se um projeto incapaz de cumprir suas promessas.¹⁸ Além disso, começou-se a perceber que as bases filosóficas da

MIE são de que, muitas vezes, os críticos pintam um quadro muito amplo acerca de seus movimentos, sem as devidas nuances, e de que se generalizam para o grupo as características dos indivíduos. Essas reclamações têm um elemento de verdade, mas apenas porque isso seria o caso para qualquer movimento que seja descrito. Um artigo de 15 páginas ou mesmo um livro de 200 não são capazes de descrever com detalhes e interagir com cada faceta singular de um grupo qualquer. Generalizações são necessárias. Vale notar que as análises que o MIE faz do cristianismo moderno e do cristianismo reformado também estão cheias de generalizações e de atribuições equivocadas, geralmente muito mal informadas.

¹⁵ BELL, Rob. *Love Wins: A book about heaven, hell, and the fate of every person who ever lived*. New York: HarperOne, 2011. Para uma boa crítica desse livro, ver a longa e cuidadosa resenha de DEYOUNG, Kevin. *God is still holy and what you learned in Sunday School is still true: A review of “Love Wins”*. Disponível em: <http://thegospelcoalition.org/blogs/kevindeyoung/2011/03/14/rob-bell-love-wins-review/>.

¹⁶ CHALKE, Steve. *The Lost Message of Jesus*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004, p. 182.

¹⁷ Para uma boa análise de Franke e seu relacionamento com o MIE, ver o artigo de HELM, Paul. *No easy task: John R. Franke and the character of theology*. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 93-111.

¹⁸ Alguns dos trágicos frutos da pretensa autonomia humana: duas guerras mundiais, massacres totalitários em todo o mundo, mullets e o sertanejo universitário.

modernidade eram tão resistentes quanto uma escultura de papel machê diante do furacão Katrina.¹⁹

Phil Johnson²⁰ apresenta a história do MIE como um desejo de redefinir categorias e oferecer respostas para uma geração pós-moderna que estava infeliz com a igreja evangélica mercadológica (*seeker-sensitive*) no final do século 20. Acompanhando a sociedade, parte da igreja decepcionou-se com os rumos da modernidade e buscou seguir o novo rumo filosófico-cultural criando uma igreja mais adaptada a essa nova fase do Ocidente. Vendo a morte do espírito de seu tempo, resolveu tentar a sorte com um novo marido. Tim Keller explica essa nova direção:

A igreja emergente rejeita fortemente as megagregas lideradas pela geração *boomer* como sendo dirigida pelo mercado, “enlatada” e “consumista”. Eles criticaram especialmente a face individualista desses ministérios e (ao menos nos anos 70 e 80) a relativa falta de envolvimento no cuidado dos pobres e na luta por justiça na sociedade. Ainda assim, suas críticas têm sido baseadas mais em análise cultural do que em exegese bíblica e teológica. Ou seja, o maior princípio operacional da igreja emergente é sua escolha de se adaptar à mudança para a pós-modernidade ao invés de confrontá-la.²¹

Ao invés de irem *ad fontes* e se voltarem para modelos eclesiásticos reformados ou mesmo classicamente protestantes, muitos preferiram abraçar a pós-modernidade e buscar definir modelos de igreja que se alinhem a esta forma de pensar. Ao invés de retornarem aos trilhos antigos, decidiram andar pelas veredas pós-modernas como se estas fossem a saída para o fim da falta de significado, individualidade e relacionamento. A solução foi adequada? Veremos logo adiante que a busca por autonomia pós-moderna é tão perniciosa quanto os rumos modernos.

2.2 O MIE tentando responder aos desafios de seu tempo – uma geração visualmente orientada

É inegável que, em muitos sentidos, o mundo é um lugar diferente do que era há 100 ou até mesmo 10 anos atrás. O último século marcou uma virada histórica, na qual a maioria da população do planeta passou a viver nas cidades.²² Desenvolvimentos na comunicação, nos transportes e em outras áreas

¹⁹ Para essa questão das bases epistemológicas do pensamento moderno e sua fragilidade, sugiro o excelente artigo de GOMES, Davi Charles. A suposta morte da epistemologia e o colapso do fundacionalismo clássico. *Fides Reformata* V-2 (2000): 115-142.

²⁰ JOHNSON, Joyriding on the Downgrade at Breakneck Speed: The dark side of diversity. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 211-223.

²¹ KELLER, Tim. *Igreja centrada*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 203.

²² CLARK, David. *Urban World/Global City*. Londres: Routledge, 1996, p. 1.

tecnológicas mudaram profundamente a sociedade em todo o planeta. O mundo atual é amplamente influenciado pela comunicação visual e simbólica. As gerações atuais, sendo visualmente orientadas pela cultura popular e cada vez mais educadas por métodos visuais, desejam mais elementos visuais na vida da igreja, particularmente no culto. O MIE busca se adaptar a essa realidade e suprir essa demanda com elementos misteriosos na adoração, auxílios visuais e símbolos.

Robert Webber demonstra que grandes mudanças das tecnologias de comunicação normalmente são acompanhadas por grandes mudanças na cultura. Ele diz que o interesse do MIE na igreja primitiva e medieval está diretamente relacionado à mudança cultural e tecnológica de volta para formas mais visuais e orais de manifestações religiosas.²³ O MIE é altamente influenciado pela tecnologia de sua era e todo o movimento parece ser propulsionado pela internet e suas novas possibilidades.²⁴ De fato, a internet como uma metáfora²⁵ para a sociedade tem se tornado, conscientemente ou não, uma metáfora para esta visão da igreja: é descentralizada, é relacional, é experimental, tem a ver com navegar, sem um fim aparente; é democrática em suas informações, no sentido de que todos são capazes de produzir e receber todas as informações; rejeita qualquer forma de controle e busca se basear mais na conectividade do que nos objetivos.

Enquanto tudo isso é, em grande parte, verdade acerca desta geração, não procede afirmar que a igreja deva necessariamente mudar sua forma de culto e se tornar mais visual se deseja alcançar a geração atual.²⁶ Vale notar que a

²³ WEBBER, Robert E. *The Younger Evangelicals: Facing the Challenges of the New World*. Grand Rapids, MI: Baker, 2002, p. 61-69.

²⁴ Uma grande parte da conversa ocorre em fóruns de discussão online, blogs, websites e via e-mail. A internet proporciona a conectividade e a velocidade necessária para o desenvolvimento do MIE e é provavelmente uma condição necessária para o seu sucesso. É muito difícil mensurar quão amplo e infiltrado o MIE realmente é, pois as ideias são disseminadas em larga escala por meios que nunca são publicados em livros ou resenhados em publicações, porém, apesar disso, são acessados por milhares diariamente.

²⁵ Essa ideia foi desenvolvida após uma palestra do crítico cultural Kenneth Myers sobre como as tecnologias moldam a cultura e servem como uma metáfora que dita paradigmas (“Transformed by our tools: an examination of the impact of technology on culture”, Veritas Forum, Jackson, MS, 29 de janeiro de 2009). Ele mostra como as pessoas comparam a mente humana a um computador, enquanto isso nunca ocorreu com a máquina de datilografar. O livro de Tom Siegfried (*O bit e o pêndulo: a nova física da informação*. Rio de Janeiro: Campus, 2000) também é muito útil para compreender como o principal paradigma metafórico de certa era pode ditar a ciência e a sociedade.

²⁶ Deve ser observado que Deus já nos deu sinais sensíveis nos sacramentos e que a pregação tem um aspecto visual tanto quanto vocal-auditivo. Na carta de Paulo aos Gálatas, o apóstolo menciona que Cristo foi exposto como crucificado perante eles (Gl 3.1). Obviamente os gálatas não estavam presentes na crucificação e Paulo não estava falando de imagens. A pregação da Palavra teve a qualidade de estimular a mente e os sentidos. Por meio da pregação do evangelho Cristo foi exposto como crucificado, mesmo sem o uso de imagens.

população europeia do século 16 também era visualmente orientada em seu culto, estando acostumada à missa e imagens romanas. Isto não impediu os reformadores de fazerem uma ruptura radical com o *status quo* neste aspecto, privilegiando o culto espiritual sem imagens no qual a palavra pregada era central. Agiu contraculturalmente por crer nos ensinamentos da Escritura. A desculpa de que a geração atual precisa de elementos mais místicos e visuais não serve. O evangelho sempre envolveu retirar pessoas de formas pagãs altamente sensualizadas e místicas e trazê-las a uma adoração em Espírito e em verdade na simplicidade do culto cristão. Ceder à suposta necessidade da adoração visual é somente mais uma forma de capitular ao espírito da época, como ocorreu no movimento das megagregas, tão influenciado pelo conceito de mercado.

2.3 Uma geração menos racionalista

Webber²⁷ observa corretamente como a transição da modernidade para a pós-modernidade resultou em uma sociedade ocidental mais predisposta à religiosidade sobrenatural, em oposição a um tempo de religiosidade naturalista em que a ciência era, para muitos, a salvadora da humanidade. O MIE diz que está buscando alcançar uma geração que não busca necessariamente a “certeza laboratorial” das provas racionalistas, mas está mais aberta às questões espirituais. Essa geração supostamente quer ser engajada, ser ativa e não apenas passiva, aprender experimentalmente pelas histórias e participação. A igreja precisaria então lutar por um estilo de culto que privilegie as histórias que tragam significado ao coração das pessoas, parando de insistir em aprendizado por meio de um conjunto de proposições lógicas.²⁸ A ideia é que a ênfase moderna em proposições, fatos e verdade não serve mais para esta geração pós-moderna. A forma de alcançar as pessoas contemporâneas seria então por meio de cultos que celebrem a incerteza, a humildade (definida como recusa de assumir posições firmes) e a subjetividade.

Por certo temos de entender que inserir a história do indivíduo numa meta-história de criação-queda-redenção com características experimentais é uma função do pregador bíblico. Mas isso pode ser levado longe demais se rejeitarmos a validade e a necessidade da verdade proposicional. Além disto, seria correto fazer tal generalização acerca da geração atual? Não, isto está longe de ser uma generalização verdadeira, mesmo para aqueles que fazem parte do grupo étnico e geracional típico do MIE. Esse é um dos problemas da caracterização dos jovens feita pelo movimento: pressupõem que as pessoas de um determinado grupo étnico-social necessariamente vão compartilhar do que eles consideram serem os interesses, desilusões e inquietudes da geração.

²⁷ WEBBER, *The Younger Evangelicals*, p. 44-48.

²⁸ Reconheço, é claro, que a pregação é muito mais do que mero transmitir de proposições lógicas. O problema do MIE é dizer que essas proposições não têm lugar na homilética.

A verdade é muito mais complexa. Há muitas pessoas na mesma posição desses autores que estão bem ajustadas e ativas em ambientes eclesiais mais tradicionais. O MIE generaliza demasiadamente a juventude urbana, como se todos fossem pós-modernos cansados das certezas cartesianas do mundo ocidental. Esse movimento despreza as generalizações feitas a seu respeito, mas parecem supor que as pessoas de hoje necessariamente são como eles. Se um jovem de fato parece apreciar e gostar de métodos mais tradicionais na igreja, esse jovem é culpado de um dos maiores pecados de acordo com o MIE: a falta de autenticidade.

O MIE, em geral, busca voltar a um cristianismo *supostamente* menos racionalista, mais autêntico, mais verdadeiro. A ideia é ir contra o racionalismo e mercantilismo da igreja *seeker*, na qual o que importa é o sucesso medido por números e valores. Nada mais de megagregas; mudemos para pequenos grupos. Chega de grandes líderes e figuras de grande autoridade; mudemos para líderes como nós que falam nossa língua e se vestem de maneira *cool* como nós (sem chamar de *cool*). Nada mais de grandes produções, artistas caros, shows de luzes; vamos nos reunir à luz de velas, compartilhar o que entendemos de espiritualidade, buscar algo pessoal. Nada mais de grandes planos, projetos ou eventos; vamos agir localmente em nossa comunidade. Nada mais de certezas e propostas pré-moldadas para a vida; celebremos a dúvida e a jornada. O MIE afirma que a igreja e a sociedade modernas são demasiadamente preocupadas com o pensamento linear e a palavra escrita. O pensamento não linear *supostamente* irá evitar os jogos de poder que as pessoas usam para dominação por meio do discurso da verdade.²⁹ “Para os cristãos emergentes, a jornada da vida cristã tem menos a ver com nossa peregrinação por este mundo decaído que não é nosso lar, e mais a ver com a aventura selvagem e sem censura do mistério e do paradoxo”.³⁰

Assim, afirma-se que o mundo ocidental está passando por uma importante mudança de paradigma da modernidade para a pós-modernidade, e que a igreja não deveria resistir a esta mudança, mas abraçá-la, pois essa seria a única opção contra o racionalismo. Entretanto, como R. Scott Clark demonstra, Brian McLaren e o cerne do MIE apresentam a velha falácia de uma falsa alternativa entre a modernidade racionalista e o modo de pensar pós-moderno.³¹ Deve-se lembrar que, historicamente, o cristianismo nega o caminho autônomo do mundo moderno enquanto afirma que há conhecimento

²⁹ GIBBS, Eddie; BOLGER, Ryan K. *Emerging Churches: Creating Christian community in postmodern cultures*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005, p. 20, 68.

³⁰ DEYOUNG, Kevin; KLUCK, Ted. *Não quero um pastor bacana e outras razões para não aderir à igreja emergente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2011, p. 37.

³¹ CLARK, R. Scott. Whosoever Will Be Saved: Emerging church, meet Christian dogma. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 123.

verdadeiro na revelação de Deus (tanto especial quanto geral) para os seres humanos equipados desde a Criação para receber e interpretar a realidade.³² E este conhecimento não é apenas proposicional, mas também experimental. Historicamente, o cristianismo tem lançado mão de uma terceira via epistemológica que busca se submeter à revelação de Deus e usá-la como a chave para interpretar a realidade conforme os desígnios de Deus, levando cativos todos os pensamentos à obediência de Cristo. Um conhecimento que é análogo ao de Deus, enquanto diferente em quantidade e qualidade, é verdadeiro e possível porque Deus criou o homem à sua imagem.

Devemos, sim, reagir contra a superficialidade e artificialidade da igreja *seeker*, mas voltando aos caminhos bíblicos. Nesse desejo de jogar fora os erros da modernidade, o MIE tem se desvencilhado também de coisas bíblicas e corretas que precederam a modernidade. No seu afã de se reencontrar com uma espiritualidade que supostamente precede o tal racionalismo da igreja moderna, o MIE tem se voltado para algumas ideias e formas medievais indevidas. No objetivo de evitar os erros da modernidade autônoma, caíram no laço da pós-modernidade autônoma com pitadas de misticismo medieval. Veja a situação: por um lado, o MIE volta demais no tempo, indo até a Idade Média em busca de autenticidade quando deveria era ter voltado à Reforma. Por outro lado, eles não voltam o suficiente, pois não retornam às fontes da Escritura, e sim às interpretações místicas e por vezes pagãs feitas em certos períodos da história. Um exemplo vai ilustrar bem essa dicotomia. Brian McLaren escreve com uma fantasia de piedade humilde:

Eu não acho que entendemos direito o evangelho. O que quer dizer ser salvo? Quando leio a Bíblia não a vejo dizendo que eu vou para o céu quando morrer. Antes do evangelicalismo moderno ninguém aceitava Jesus Cristo como seu salvador pessoal ou andava pelo corredor num apelo ou dizia a oração do pecador. Eu não acho que os liberais entenderam corretamente [o evangelho]. Mas eu também não acho que nós entendemos certo. Nenhum de nós chegou à ortodoxia.³³

³² Uma distinção muito importante que ilumina essa discussão é o entendimento histórico reformado do conhecimento arquetípico e o conhecimento ectípico. Conhecimento arquetípico é o que Deus possui; como Criador do universo, seu conhecimento é infinito e quantitativamente e qualitativamente superior ao conhecimento humano. Conhecimento ectípico é o que os humanos possuem; é análogo ao conhecimento de Deus e, mesmo não sendo infinito, é verdadeiro da mesma forma, pois está embasado no aparato epistemológico com o qual foi criado e na proposadamente compreensível revelação de Deus. Para conhecer mais sobre esse importante assunto, ver: VAN ASSELT, Willem J. The fundamental meaning of theology: archetypal and ectypal theology in seventeenth-century Reformed thought. *Westminster Theological Journal* 64 (2002): 319-335; WADDINGTON, Jeffrey C. Cornelius Van Til: “principled” theologian or foundationalist? In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 161); GOMES, A suposta morte da epistemologia e o colapso do fundacionalismo clássico, e a obra de Cornelius Van Til.

³³ Brian McLaren, entrevista no artigo de: CROUCH, Andy. The Emergent Mystique. *Christianity Today* (nov. 2004). Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/ct/2004/november/12.36.html>.

Ao mesmo tempo em que rejeita algumas ênfases do evangelicalismo moderno, ele não percebe que essas práticas (como o sistema finneyano de apelo) já foram deturpações. McLaren reage ao desvio de caminho, mas para isso abandona o caminho. A igreja *seeker* abandonou a autoridade bíblica como base para padrões e objetivos, métodos e conteúdo, e com isso criou um vácuo de espiritualidade. Ao investigarem a história da igreja, McLaren e seus companheiros são estranhamente seletivos: criticam o que lhes interessa criticar e deixam de observar pontos e movimentos que já há muito tempo resolveram os problemas que eles buscam resolver. Assim na suposta solução o MIE acaba indo longe demais e negando coisas que nunca deviam ter sido negadas, preenchendo o vácuo com elementos perigosos que veremos a seguir.

2.4 Espiritualidade medieval

Com o advento do pós-modernismo, em todas as esferas da sociedade antigos racionalistas começaram a se interessar por formas diversas de espiritualidade. Por algumas décadas era inimaginável que nos centros de pesquisa acadêmica pudessem ser vistas coisas como cristais energéticos, mapas astrais ou manuais de rituais Wicca. Estas coisas, entretanto, se tornaram comuns nas últimas décadas, uma vez que o racionalismo ruiu e não cumpriu suas promessas. A igreja pós-moderna também se volta para coisas semelhantes, mas desde que estas tenham aparência de espiritualidade bíblica. Seguindo a maneira de pensar de seu tempo, o MIE identifica o problema como sendo a racionalidade, sem perceber que o problema foi na verdade o racionalismo.³⁴ O MIE acha que o erro foi ser extremamente racional e que a culpa é da Reforma e de seu pensamento monolítico. Assim, propõe-se voltar a tempos supostamente mais puros e menos individualistas, ao mesmo tempo em que se seguem padrões de irracionalidade pós-moderna. A ideia é aprender com os grandes mestres da espiritualidade medieval, adaptando-os à realidade plural contemporânea. Eles querem olhar para o passado, para antes da modernidade, para um tempo em que as coisas supostamente não eram racionalistas. Sua ânsia por espiritualidade e mistério experimentais levou muitos a usarem práticas medievais romanas e anglicanas, como o labirinto de oração,³⁵ orações contemplativas,

³⁴ Racionalidade é uma característica dos seres humanos criados à imagem de Deus, onde usamos nossa razão para examinar e reagir ao mundo e à revelação de Deus. Racionalismo, por outro lado, é a crença na autonomia da razão humana, em que podemos supostamente nos orientar neste mundo sem o auxílio da revelação divina. O racionalismo surgiu no jardim com a velha serpente.

³⁵ O labirinto é uma experiência mística altamente individualista. Advindo de rituais pagãos foi adaptado pela Igreja Romana medieval e está ressurgindo agora no meio emergente. A pessoa anda por certo caminho enquanto ora e medita. A versão do MIE, entretanto, é geralmente atualizada com elementos tecnológicos. Labirintos são mais antigos que o cristianismo e normalmente estavam ligados a divindades pagãs e rituais de fertilidade. Em algumas igrejas antigas medievais como Chartres havia (e ainda há) labirintos desenhados no chão. Essa prática sugeria que a pessoa poderia começar a caminhar

lectio divina,³⁶ velas, peregrinações e muitas outras coisas. Claro, junto a tudo isso vem uma rejeição de formas tradicionais como a pregação normativa e expositiva do texto bíblico.³⁷

pelo labirinto à medida que orava. Ao chegar ao centro do labirinto ela encontraria algo especial em termos espirituais. Várias comunidades emergentes têm construído seus labirintos, seja com paredes ou simplesmente pintados no chão. Aqui vai uma descrição resumida de um labirinto de oração segundo o destacado líder emergente Dan Kimball: “Minha esposa e eu entramos num salão iluminado apenas por velas e um candelabro. O local estava silencioso. Quando nossos olhos se ajustaram, vimos diversas pessoas ajoelhadas em oração... os evangélicos de hoje estão acostumados com cultos bem coreografados em que cada minuto está repleto de música, vídeo e pregação. As gerações pós-modernas têm fome de algo menos apressado, cheio de mistério... o labirinto de oração oferece um banquete para saciar essa fome... O caminho era formado por linhas negras desenhadas... cada um de nós recebeu um CD-player com fones para guiar nossa jornada através das 11 estações do caminho. Ao começarmos nossa jornada interior rumo ao centro, uma gentil voz feminina com sotaque britânico lia uma parte de João 1... Na primeira estação olhamos uma tela de televisão cheia de formas eletrônicas ondulantes e complexas que se moviam. Em outra estação jogamos pequenas pedras na água, cada pedra representando uma preocupação que estávamos deixando com Deus. Mais tarde desenhamos em papel símbolos de nossas dores, oramos e os jogamos numa lata de lixo. Após trinta minutos chegamos ao centro do labirinto, onde, sentados em almofadas, nos foram oferecidos os elementos da Santa Ceia... a jornada de saída focava em como podemos ser usados por Deus na vida dos outros. Em uma estação, fizemos impressões de nossos pés e mãos numa caixa de areia, lembrando-nos de que deixamos impressões na vida dos que tocamos... oração meditativa como a que experimentamos no labirinto ressoa nos corações das gerações emergentes”. Ver o artigo completo: KIMBALL, Dan. *A-maze-ing prayer*. Disponível em: <http://www.christianitytoday.com/le/2001/fall/4.38.html>. O que Kimball não percebe, ou pior, talvez perceba, é que essas onze estações, esses símbolos e rituais, não são coisas inocentes, mas ideias vindas da Cabala e de toda sorte de coisa estranha e sincrética. O MIE, tão crítico acerca da teologia e prática dos reformadores, não apresenta o mesmo nível de análise crítica acerca dessas práticas.

³⁶ *Lectio divina* (ou leitura orante) – essa prática antiga na Igreja Romana remete aos mosteiros beneditinos. A ideia é basicamente ler e reler uma porção da Bíblia e ficar meditando nela até entrar num estágio de contemplação em que Deus “fala com a pessoa” de maneira não lógica. É uma espécie de escada de oração em que diversos degraus levam a pessoa a uma união mística com Deus. Os problemas são vários. Primeiro, é que não vemos nenhum personagem bíblico fazendo isso nem temos instrução bíblica neste sentido; a reflexão bíblica é sempre meditação de mente cheia, nunca de mente vazia. Outro problema é que se trata de um sincretismo com formas pagãs de espiritualidade semimonista que veem o perder-se em Deus como o objetivo espiritual. É claro, a *lectio divina* moderna é adaptada à geração coca-zero; ninguém quer fazê-la no chão frio, nem sem comida boa depois da reunião da juventude. Queremos a ideia sem o sacrifício. Vale notar ainda que tem sido introduzida no contexto brasileiro uma versão light da *lectio divina*, que não vai tão longe quanto o original, mas tem a mesma base teológica. Para um exemplo de como realizar o ritual medieval da *lectio divina*, adaptado ao MIE, ver WEBBER, *The Younger Evangelicals*, p. 184.

³⁷ Vale a pena ler a reflexão de Tim Keller sobre o que Martyn Lloyd-Jones afirma acerca da pregação e sua centralidade. Na mais nova edição em inglês do clássico *Pregação e Pregadores*, de Lloyd-Jones, há diversos ensaios breves escritos por pregadores contemporâneos que foram grandemente influenciados por ele. Keller aproveita para endossar a posição de Lloyd-Jones de que a velha pregação com autoridade feita pelo arauto de Deus continua sendo a forma principal de alcançar pecadores em nosso tempo. Ele diz, falando acerca dos que se opunham ao sermão no tempo de MLJ: “A perda da crença da cultura na autoridade foi outro fator; em uma sociedade pós-cristã como podemos pensar em efetivamente trazer pessoas para ouvir um monólogo? Ao invés disso, os objetores propõem usar novas mídias (rádio e televisão) ou dar mais ênfase à liturgia ou à arte, ou tornar a igreja em algo como um

O objetivo é trazer de volta à igreja a beleza e o mistério da igreja medieval, baseando-se no que supostamente é a igreja autêntica, reutilizando vitrais, mantras, escuridão, incenso, etc.³⁸ Porém, qual o problema de voltar a formas medievais? O problema é duplo: por um lado esses elementos eram baseados em entendimentos errôneos da doutrina da Escritura, da salvação e da vida cristã. O outro lado do problema é que esses modelos de espiritualidade eram frequentemente fruto de sincretismo com o paganismo.³⁹ O MIE, em sua busca de um cristianismo mais místico e visual, está se voltando para Roma em busca de inspiração tanto na forma quanto no conteúdo, e está ignorando os sérios alertas de que quando alguém vai a Roma, se torna como ela.

As críticas acerbas que o MIE faz à igreja moderna estão ausentes quando se trata de avaliar e criticar as práticas e crenças moralistas e, em muitos aspectos, apóstatas, da igreja medieval. Eles buscam colocar como parte principal do culto o elemento que Roma considera mais importante: a Eucaristia. Ao enfatizar o místico, o sensível, o simbólico, eles acabam tirando a Bíblia do centro. Práticas como a *lectio divina* já estão aparecendo em diversas igrejas locais no Brasil, e não apenas em igrejas que se caracterizariam com parte do MIE. Diversas igrejas históricas têm acolhido aspectos específicos do MIE, iludidas com a promessa de que agora se encontrou algo importante que estava perdido e escondido debaixo do entulho do suposto racionalismo confessional protestante. Vários pastores bem intencionados têm aderido à prática sem entenderem seu background e perigo. Supostamente a *lectio divina* parece

serviço social ou uma agência de aconselhamento. Alguns sugeriram abandonar completamente essa forma. Os cristãos, diziam eles, deveriam se dispersar, se lançar por aí lidando com as necessidades pessoais e os problemas sociais no mundo. Então, quando houvesse reuniões, estas deveriam ser informais, pequenas, caracterizadas por diálogo e discussão. É surpreendente como isso soa semelhante às propostas que vem sendo feitas nos Estados Unidos mais recentemente pelos que se chamam ‘igreja emergente’. Lloyd-Jones responde a essas objeções de forma contundente ainda hoje... ele argumenta que as pessoas percebem poder e experiência num sermão de maneira muito mais distinta pessoalmente, numa assembleia reunida, do que por meio de mídia. Ousadamente, ele ataca a maior objeção – ‘as pessoas não virão’. Ele responde: ‘Onde existe verdadeira pregação, as pessoas virão e ouvirão’. Falando do coração de uma Manhattan secular, pluralista e moderna, este pregador concorda completamente com ele”. KELLER, Tim. A tract for the times. In: LLOYD-JONES, Martyn. *Preachers and Preaching*. 40th Anniversary Edition. Grand Rapids: Zondervan, 2011, p. 92. Minha tradução.

³⁸ GLEASON, Ronald. Church and community or community and church? In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 169. Ver ainda GILLEY, Gary. The Emergent Church. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 276; GIBBS e BOLGER, *Emerging Churches*, p. 225. DeYoung e Kluck mostram como, às vezes, essas novas formas de adoração são vazias. Muitas vezes se leva para casa como amuletos objetos do que foi aprendido em certo dia. Eles falam sobre certa vez em que, após a reunião, cada um levou um CD adornado com uma frase do teólogo místico Meister Eckart. O CD não continha nada além de silêncio por 45 minutos. Para mais exemplos, alguns tolos e inofensivos, outros mais perigosos, ver o livro *Não quero um pastor bacana*, p. 200.

³⁹ Não é novidade para ninguém que, em seus esforços missionários, a Igreja Católica Romana sempre deu espaço ao sincretismo. Poderíamos exemplificar *ad nauseam*, mas basta lembrar o exemplo dos santos, frequentemente identificados com divindades pagãs locais.

oferecer uma oportunidade para que a palavra de Deus seja amada e apreendida pelo povo, pois teoricamente a pregação tradicional da Palavra não o faz ou pelo menos deixa espaço para essa forma se inserir. Mas o que não se percebe é que a pregação da Palavra não vinha alcançando e transformando corações, pois há muito tempo a verdadeira exposição do conteúdo bíblico já havia sido trocada por psicologia secular, lições de autoajuda e alegorias moralistas sobre como viver.

Em uma análise sobre esta geração anti-história, Carl Trueman aponta para algo bastante esclarecedor. Ele diz que o interesse atual na espiritualidade medieval e pré-medieval celta (vinda de cristãos ou não) não é realmente um interesse na história *per se*, mas uma tentativa de dar uma autenticidade histórica para suas práticas. Eles trazem elementos de volta, seletivamente, para parecerem revestidos de história, enquanto recusam qualquer coisa que seja muito trabalhosa, como as práticas ascéticas celtas de autoflagelo: “É uma apropriação eclética e nostálgica de uma pseudo-história que fornece à igreja uma autenticidade histórica especial”.⁴⁰ Esse veredito também é verdadeiro em relação ao MIE, quando diz que eles buscam dar uma legitimidade histórica a suas práticas ao afirmarem que estão voltando a um período de mais pureza, enquanto nunca, de fato, enfrentam as pressuposições e problemas de tal período, mas apenas se aproveitam dos benefícios de aparentarem ser mais bíblicos e mais históricos.

2.5 *Contracultural?*

Uma das críticas mais importantes que podemos fazer aos proponentes do MIE é que eles não são tão contraculturais quanto gostariam de acreditar. Ao mesmo tempo em que dizem estar seguindo os novos caminhos da pós-modernidade, gostam de posar como rebeldes que se levantam contra a cultura dominante e ainda prevalecente da modernidade. De fato, eles caem na mesma armadilha da geração anterior, de se acomodar à descrença padrão rebelde e autônoma de sua geração. Enquanto os *baby-boomers* adaptaram sua fé e prática à modernidade pragmática, a geração X e a geração Y estão se acomodando à rebelião do pós-modernismo. David Wells diz que:

... atacar a ideia da verdade como arrogante, rejeitar a ideia da substituição penal, que estaria ligada ao mundo moral objetivo como barbárie e abuso infantil e celebrar a crença de que a salvação é encontrada em outros lugares e em outras religiões. Isso também, não menos que o discurso de Bill Hybels, é um caso de capitulação cultural, e o resultado não será menos desastroso.⁴¹

⁴⁰ Ele diz ainda: “O cristianismo celta está mais próximo do Movimento da Nova Era em termos de sua rejeição do literário em favor do visual, da obsessão por questões ecológicas e do desejo de rejeitar alguns aspectos (mas de forma alguma todos) da cultura ocidental”. TRUEMAN, Carl. *The Wages of Spin: critical writings on historic & contemporary evangelicalism*. Escócia: Christian Focus, 2004, p. 26.

⁴¹ WELLS, David. Foreword [Prefácio]. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 12.

Infelizmente, em sua tentativa de ministrar e alcançar a geração pós-moderna, eles falham, pois não questionam os próprios elementos dessa geração que precisam ser desafiados com a Palavra de Deus. Como Phil Johnson coloca: “O movimento emergente tem um extraordinário viés de se adaptar e abraçar os próprios aspectos da cultura pós-moderna que mais precisam ser confrontados com a verdade do evangelho”.⁴² Eles são, nesse sentido, tão condicionados quanto a geração anterior. Ironicamente, diz Don Carson, o MIE parece apaixonado pelo pós-modernismo precisamente quando o pós-modernismo perde credibilidade no meio acadêmico.⁴³ Assim como o pós-modernismo não é a resposta bíblica ao modernismo, o MIE não resolve os problemas do modelo *seeker-sensitive*.

Outro aspecto a ser considerado no século 21 é a realidade sempre crescente do multiculturalismo das cidades. Os grandes centros urbanos abrigam dezenas de grupos culturais e étnicos. O grande número de imigrantes trouxe enorme diversidade ao mundo que desorienta e confunde, abre fronteiras e desafia cosmovisões, tornando acessíveis infinitos níveis de interação e confrontação cultural. O MIE afirma ser a resposta para toda uma geração, mas será mesmo que seus métodos prevalecem diante do multiculturalismo contemporâneo? Iria o modelo do MIE funcionar na revitalização de igrejas de imigrantes hispânicos ilegais no Alabama? Haitianos em Manaus? Embora ame falar em diversidade, o MIE não é tão diverso quanto muitos de seus membros gostam de retratá-lo. E o pensamento pós-moderno está longe de ser algo que de fato se mostra em toda sorte de grupos urbanos. Nem todo mundo está interessado em pensamento não linear, adoração visual, hermenêutica pós-moderna e experiências religiosas misteriosas. Ainda que esse modelo fosse atraente para uma geração como a deles, o MIE seria necessariamente inadequado para qualquer grupo étnico ou social que não compartilhasse pelo menos parte de sua cosmovisão condicionante. A questão é: Seria o caminho emergente uma boa solução tanto para uma comunidade carente afro-americana nos centros decadentes de cidades do Mississippi, quanto para imigrantes brasileiros na Flórida, ou japoneses de uma segunda geração de imigrantes em São Paulo?⁴⁴

⁴² JOHNSON, Joyriding on the downgrade at breakneck speed, p. 217.

⁴³ “Entretanto, é de se temer, ainda que apenas um pouco, que, mais uma vez, um movimento que estava na crista do comportamento intelectual há meio século, era popular na Europa quatro décadas atrás e se tornou popular nas universidades daqui vinte cinco anos atrás, está agora se tornando o queridinho dos escritores evangélicos populares que tentam soar proféticos”. CARSON, D. A. *Becoming Conversant with the Emerging Church*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2005, p. 82.

⁴⁴ Por alguns anos trabalhei com imigrantes hispânicos no estado do Mississippi. Gente que pela faixa etária e condição econômica supostamente se encaixaria em grande parte do contexto do MIE. É cristalino para mim que um modelo emergente não atrai tal grupo. Eles já possuem muita incerteza a respeito das jornadas de suas vidas. Eles estão, de fato, buscando estabilidade, verdades universais, respostas bíblicas para temas que estão perturbando profundamente seus corações. Um exemplo é a

Eles afirmam ministrar ao espírito de sua era. Tal espírito, entretanto, não é global nem eterno. Pelas suas pressuposições, eles deveriam aceitar que a sua solução é, no máximo, local, não universal.⁴⁵

2.6 *Ignorância histórica e influências teológicas*

Muitas das reclamações do MIE acerca da igreja protestante são, entretanto, baseadas em uma falta de conhecimento histórico. Parecem ignorar que a situação era diferente antes ou que outros já apontaram os erros (e fizeram um trabalho melhor nisto).⁴⁶ O MIE por vezes reage contra certa prática da igreja *seeker-sensitive* e supõe que o erro vem desde os reformadores, quando tal prática na verdade foi uma distorção recente da teologia protestante. Um exemplo é a questão da participação no culto: o MIE deseja que seus membros participem integralmente da adoração ao invés de serem meros expectadores como acontece em muitas igrejas evangélicas contemporâneas. Mas essa crítica, embora correta, é na verdade baseada em um problema que nem sempre existiu. O culto tradicionalmente foi participativo e comunitário na história da igreja (algo restaurado na Reforma Protestante), toda a congregação sendo chamada a cantar, a orar, a participar dos sacramentos, a ouvir a palavra pregada. O MIE percebe a necessidade de uma igreja mais voltada para a comunidade, ao invés de uma igreja voltada para o consumidor. Nisto está se alinhando sem perceber

questão do homossexualismo. Enquanto McLaren deseja suspender o julgamento histórico da questão visando aceitar os homossexuais como são, em certa ocasião fui questionado por uma peruana imigrante de primeira geração acerca da posição da nossa denominação sobre o assunto. Ela estava muito preocupada com o crescente ensino acerca da normalidade do homossexualismo e, movida pela preocupação com seus filhos, questionou sobre limites, definições, certeza. Seu coração ansiava pela verdade direta, não por uma integração comunicativa obscura.

⁴⁵ Em uma amostra de seu relativismo, McLaren diz que enquanto seja correto que essa geração adote as pressuposições pós-modernas, talvez não seja bom para todos, fazendo disso uma questão de acomodação pragmática a um dado espaço ou tempo. É pragmático fazê-lo porque aponta para uma audiência que determina como a igreja deveria viver, novamente caindo na mesma armadilha da igreja voltada para o mercado. Querendo emergir dos *seeker-sensitives*, eles acabam simplesmente sendo adequados para um novo mercado. Ver DOWNES, Martin. *Entrapment: The Emerging church conversation and the cultural captivity of the Gospel*. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 243.

⁴⁶ Por exemplo, Paul Helm afirma que, enquanto o MIE está correto ao dizer que as afirmações teológicas humanas estão sujeitas a revisões, essa sempre foi a posição da igreja protestante; não há nada de novo ou de revolucionário nessas afirmações (*No Easy Task*, p. 98). Vale notar que a *Confissão de Fé de Westminster*, por exemplo, afirma que só a Bíblia é inspirada e que os conselhos humanos erraram no passado e ainda erram (CFW I.X). Outro elemento supostamente novo é a afirmação de que o conhecimento sobre a Trindade não deveria ser seco ou vazio de amor. MCLAREN, Brian. *A Generous Orthodoxy: Why I am missional + evangelical, post/protestant, liberal/conservative, mystical/poetic, biblical, charismatic/contemplative, fundamentalist/Calvinist, Anabaptist/Anglican, Methodist, Catholic, green, incarnational, depressed yet hopeful, emergent, unfinished, Christian*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004, p. 31. McLaren afirma isto e parece estar se achando original e radical, mas isso é o que o cristianismo ortodoxo tem dito nos últimos dois mil anos, embora, certamente, muitos não tenham seguido tal ensinamento.

com algo que tem sido buscado muitas vezes na história da igreja. Não há nada de novo no desejo de ser uma comunidade de amor.

Outro exemplo de ignorância histórica é a afirmação comum de que a igreja deveria parar de falar da teologia em termos de proposições sistemáticas e compreendê-la como uma história, uma narrativa. Essa posição demonstra uma falta de compreensão histórica sobre o fato de que a teologia protestante está profundamente atenta ao desenvolvimento histórico da salvação, em termos de uma teologia bíblica e de uma aplicação experimental da salvação à vida dos crentes.⁴⁷ O MIE mais uma vez apresenta uma falsa alternativa, a saber, ou a teologia sistemática ou a teologia bíblica,⁴⁸ sendo que a igreja precisa de ambas.⁴⁹ De fato, frequentemente os defensores do MIE têm uma compreensão ingênua de toda a história da igreja, focando suas suspeitas na Reforma e na igreja contemporânea.⁵⁰ Muitas vezes a crítica à igreja na história é fortemente afetada por caricaturas, tal como a afirmação absurda de McLaren de que o calvinismo é um produto do determinismo teológico de Calvino e Beza unido ao racionalismo de Descartes e o determinismo de Newton.⁵¹

De certa forma, os grupos emergentes creem que estão rompendo com as instituições rígidas e os ensinamentos proposicionais dos “teólogos irrelevantes

⁴⁷ WATERS, Guy P. It’s “Wright,” but is it right? In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 208.

⁴⁸ “A dificuldade está nas frequentes dicotomias, tanto de McLaren quanto de Wright, entre as formulações sistemáticas e narrativas. A narrativa é mostrada como a única alternativa puramente bíblica à chamada formulação sistemática abstrata. Aquelas que nunca foram rivais agora são mostradas como alternativas mutuamente excludentes”. WATERS, It’s “Wright,” but is it right?, p. 209. Enquanto negam a teologia sistemática, eles apresentam suas ideias em pontos e formas um tanto quanto organizados e sistemáticos.

⁴⁹ Eles também caem no antigo engano de atribuir aos teólogos reformados o erro de permitir que uma teologia natural racionalista se infiltrasse nas teologias sistemáticas. Essa visão tem sido satisfatoriamente refutada em obras como as de MULLER, Richard. *Post-Reformation Reformed Dogmatics*. Grand Rapids: Baker Academic, 2003; e de TRUEMAN, Carl; CLARK, R. Scott (Orgs.). *Protestant Scholasticism – essays in reassessment*. Milton Keynes, Inglaterra: Paternoster, 1999. O fato é que os dogmáticos de Roma, tais como Alberto Magno e Tomás de Aquino, é que foram culpados de fazê-lo, enquanto os teólogos reformados demonstram se basear na primazia da revelação. Outro exemplo de engano histórico é a afirmação de Pagitt acerca da controvérsia entre agostinismo e pelagianismo. Ele trata a questão apenas como uma disputa política, dizendo que a linha antropológica agostiniana se tornou a norma na Igreja Romana, enquanto que a visão de Pelágio se manteve viva no cristianismo celta, uma simplificação errônea. Para Pagitt, ambas as visões parecem ser igualmente válidas. PAGITT, Doug. *The emerging church and embodied theology*. In: WEBBER, Robert (Org.). *Listening to the Beliefs of Emerging Churches*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p. 128.

⁵⁰ Um exemplo é a exaltação de Inácio de Loyola por McLaren (*Generous Orthodoxy*, p. 77) como se fosse um homem piedoso e contemplativo que via Deus em toda a criação. McLaren não menciona que Loyola, o pai dos jesuítas, foi um líder da perseguição aos protestantes. Loyola provavelmente perseguiria McLaren, apesar de tal admiração.

⁵¹ MCLAREN, *Generous Orthodoxy*, p. 187.

que já morreram”.⁵² O que poucos deles reconhecem é que, para fazê-lo, eles estão se baseando profundamente em outros teólogos que já morreram, especialmente os das correntes da neo-ortodoxia e do catolicismo romano.⁵³ De fato, grande parte do que eles consideram ser novo não é nada mais que formas recicladas de pietismo,⁵⁴ pentecostalismo,⁵⁵ liberalismo⁵⁶ ou neo-ortodoxia.⁵⁷

Enquanto afirmam ser pós-modernos, estão, na verdade, usando a teologia de homens bastante modernos que foram tanto moldes como moldados por sua época.⁵⁸ O problema pós-moderno de escolher convenientemente quando o texto tem um sentido claro e quando não tem é onipresente no MIE. Peter Rollins, por exemplo, nega a existência de um significado claro do texto bíblico, mas afirma veementemente que a Bíblia prega amor e justiça social.⁵⁹ Muitos autores

⁵² Curiosamente, os elementos básicos da experiência, da comunidade e do contexto do MIE podem ser atribuídos ao teólogo liberal do século 19 Friedrich Schleiermacher (JOHNSON, Gary. Introduction. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*, p. 16). As escolhas do MIE sobre o que é relevante hoje parecem, às vezes, guiadas mais por conveniência do que por um cuidadoso exame histórico e teológico. Eles rejeitam a teologia reformada histórica ao mesmo tempo em que usam Karl Barth, Jurgen Moltmann e N. T. Wright em conjunto com filósofos pós-modernos. GLEASON, *Church and Community*, p. 180.

⁵³ Em *Ortodoxia Generosa*, McLaren cita e recomenda vários teólogos e filósofos, na maior parte católicos (Josef Pieper, Aquino, Guardini) ou o neo-ortodoxo Karl Barth. Vale observar que o catolicismo romano pós-Vaticano II tem uma afinidade próxima com o universalismo incipiente da neo-ortodoxia.

⁵⁴ Observe a ênfase na experiência pessoal como guia e alvo para a vida cristã, em conjunto com uma moralidade muito individualista na qual a pessoa é a única que está em posição de julgar o próprio comportamento. CLARK, *Whosoever will be saved*, p. 117.

⁵⁵ Grande ênfase na experiência, certo desdém por aqueles que criticam o movimento sem fazer parte dele e negação da suficiência das Escrituras. Sobre o relacionamento do MIE com o pentecostalismo da terceira onda e John Wimber (da Igreja Vineyard), ver GIBBS e BOLGER, *Emerging Churches*, p. 219.

⁵⁶ Phil Johnson (*Joyriding on the downgrade*, p. 222) alerta para similaridades entre o liberalismo e o MIE: a rejeição da expiação penal substitutiva como sendo muito violenta, o clamor por tolerância como sendo o valor supremo, o relaxamento na doutrina da inerrância e outros elementos.

⁵⁷ A dependência da neo-ortodoxia pode ser exemplificada em sua visão da Bíblia e compreensão sobre Deus. Sua negação da possibilidade de expressar verdades proposicionais sobre Deus vem de uma visão enganosa sobre a questão da autorrevelação de Deus. Sua confusão sobre a revelação e a inerrância das Escrituras também é em grande parte causada por sua dependência de Karl Barth. Em harmonia com Barth, eles afirmam que Deus é completamente outro e está além do alcance humano. Eles seguem o caminho de, por um lado, negar a compreensibilidade de Deus, e de outro, afirmar inconsistentemente várias coisas sobre ele. Ver DEYOUNG e KLUCK, *Não quero um pastor bacana*, p. 91-95.

⁵⁸ DeYoung e Kluck também observam isso e dizem: “A maior ironia em relação à igreja emergente pode ser exatamente esta: ao punirem severamente tudo o que é moderno, eles são, em muitos aspectos, totalmente modernos. Muitos dos principais livros mostram uma combinação familiar de liberalismo do evangelho social, uma visão neo-ortodoxa das Escrituras e um desprezo pós-iluminista por coisas como inferno, ira de Deus, revelação proposicional, propiciação e tudo aquilo que vá além de um cristianismo vagamente moralista, afetuoso e sem doutrinas”. *Não quero um pastor bacana*, p. 184.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 144-147.

do MIE afirmam que a Bíblia não é clara na questão do homossexualismo,⁶⁰ da expiação, da inerrância, etc., mas ao mesmo tempo afirmam que a Bíblia é clara nas questões de amor, justiça, comunidade e experiência. “Assim, o fascínio e a ambiguidade são bons quando as ideias em questão forem aquelas com as quais os líderes emergentes particularmente não se preocupam ou não apreciam, mas quando a questão é fazer suas declarações, então a clareza é fundamental”.⁶¹ Enquanto eles argumentam que não se pode exaurir o conhecimento de Deus e extrair verdades proposicionais da Bíblia, frequentemente buscam fazer exatamente isso. De um lado eles afirmam que não é importante se o nascimento virginal ocorreu ou não;⁶² de outro, eles têm certeza do fato de que Jesus se levantou contra os opressores de sua época.⁶³

2.7 Dinâmica de irracionalismo/racionalismo

As afirmações do MIE de que Deus é o grande ser misterioso que desafia a explicação humana é categórica. Enquanto uma sã epistemologia bíblica afirmará a grandeza de Deus e a necessidade de sua revelação para que o homem possa compreendê-lo, é necessário afirmar bíblicamente que Deus fez o homem à sua imagem e capaz de adquirir conhecimento verdadeiro sobre Deus, sua criação e sua providência. O MIE segue a afirmação pós-moderna de que, com a morte do fundacionalismo clássico, não se pode mais crer na possibilidade de uma verdade absoluta.⁶⁴ Entretanto, o ponto importante muitas vezes ignorado é que uma teoria cristã do conhecimento não depende do fundacionalismo clássico.

Cornelius Van Til demonstrou que qualquer sistema humano de teologia ou filosofia que não começa com o Deus Trino das Escrituras é tanto racionalista

⁶⁰ Eles não estão dispostos a dizer que a Bíblia é contra o homossexualismo, e parece que essa dúvida é, na verdade, um consentimento calado. De fato, a falta de definição em questões importantes como essa abrem caminho para todo tipo de problemas. Há um grupo cada vez maior chamado *gaymergente*, uma comunidade online de homossexuais que professam o cristianismo do MIE. De acordo com suas pressuposições, o MIE não deveria repudiar tal coisa. Recentemente Brian McLaren celebrou a união homossexual de seu filho.

⁶¹ DEYOUNG e KLUCK, *Não quero um pastor bacana*, p. 49. McLaren faz a corajosa afirmação de que *ele sabe* que os carismáticos e os contemplativos estão, de fato, falando do mesmo tipo de experiência (*Generous Orthodoxy*, p. 179). Novamente, quando é conveniente os proponentes do MIE se esquecem da dificuldade hermenêutica.

⁶² BELL, Rob. *Velvet Elvis*. Grand Rapids: Zondervan, 2005, p. 92.

⁶³ Na questão da importância da historicidade da fé, isso não é nada mais do que as antigas afirmações do liberalismo de que, mesmo se os fatos da Bíblia não puderem ser verificados, a mensagem permanece. Paulo claramente se oporia a essas questões, pois ele afirmava que se a ressurreição não tivesse ocorrido na história, os cristãos seriam os mais infelizes dos homens (1Co 15.12-19).

⁶⁴ Novamente, é a possibilidade real de conhecimento análogo ao conhecimento de Deus, baseado no Deus trino como o ponto transcendente de referência para todo o conhecimento. Ver GOMES, A suposta morte da epistemologia.

(tentando usar a mente humana como a autoridade autônoma suprema, o ponto de referência final) quanto irracional (negando a possibilidade e necessidade de conhecimento verdadeiro do Deus bíblico e seu mundo).⁶⁵ O MIE segue o irracionalismo autônomo do pós-modernismo e nega a possibilidade de obter verdade objetiva normativa de textos. Sua inconsistência é vista no fato de que eles mesmos apresentam suas ideias como se pessoas racionais fossem capazes de entendê-los lendo os textos que eles publicam. Seu racionalismo é demonstrado em sua tentativa de serem os árbitros finais, decidindo o que pode ou não ser conhecido. Na armadilha de viver consistentemente com suas crenças professadas, o pós-modernismo falha como qualquer outra filosofia que se levanta contra o conhecimento de Cristo. A suposta humildade do MIE de negar a possibilidade de conhecer Deus verdadeiramente, acaba roubando de Deus a sua glória, pois minimiza e nega seus desígnios na criação:

O agnosticismo emergente em relação a verdadeiramente saber e entender qualquer coisa sobre Deus aparenta ser uma humildade piedosa. Parece honrar a infinidade de Deus, mas na verdade menospreza seu poder soberano. Os pós-modernos abrigam tamanha desconfiança da linguagem e descrença na capacidade de Deus de comunicar a verdade à mente humana que, de fato, se envolvem naquilo que Carson chama de “amordaçamento de Deus”.⁶⁶

Eles negam a necessidade, até mesmo a possibilidade, de estabelecer credos, pois a teologia estará sempre em mutação. Estranhamente, entretanto, McLaren e outros tentam afirmar o *Credo Apostólico* e o *Credo Niceno* como absolutos e universais.⁶⁷ Parece que suas razões têm a ver com a antiguidade e o ecumenismo desses credos. Kimball também diz que o que vai além de Nicéia é misterioso e incerto.⁶⁸ Mas por que parar em Niceia? Os membros de tal concílio também não estariam condicionados por seu mundo e suas pressuposições? O Concílio de Niceia estava livre de qualquer viés? Por que não incluir Calcedônia em suas fórmulas, que também era ecumênico e tem tantas questões importantes sobre Jesus?⁶⁹

⁶⁵ Para mais material sobre isso, ver: VAN TIL, Cornelius. *A Christian Theory of Knowledge*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1969, p. 50. Ao refletir sobre esse assunto, Bahnsen diz que essas filosofias são caracterizadas por “uma mistura instável de arrogância e humildade”, palavras que poderiam certamente descrever o MIE. BAHNSEN, Gregg. *Van Til's Apologetic*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 1998, p. 316.

⁶⁶ DEYOUNG e KLUCK, *Não quero um pastor bacana*, p. 42.

⁶⁷ MCLAREN, *Generous Orthodoxy*, p. 28.

⁶⁸ KIMBALL, Dan. The emerging church and missional theology. In: WEBBER, *Listening to the Beliefs of Emerging Churches*, p. 93.

⁶⁹ Talvez a escolha de Niceia como o ponto final de concordância tenha a ver com a pressuposição de que todos os tipos de cristianismo o afirmam. Entretanto, os arianos foram derrotados nesse concílio. Por que não considerar os arianos também como cristãos, de uma forma compassiva, generosa e emergente?

2.8 Tolerância, inclusivismo e limites

Em seu discurso, o MIE dá muito valor à tolerância ou à generosidade. A tolerância é, em sua visão, uma das mais importantes marcas do que Jesus deseja. Eles temem qualquer tipo de imposição de aspectos culturais sobre outros grupos.⁷⁰ Eles querem ser tão inclusivos quanto possível, ser abertos a todo tipo de pessoa.⁷¹ Essa ânsia por tolerância como um valor supremo está bem alinhada com a Igreja Romana pós-Vaticano II, que tem uma inclinação mais universalista, disposta a conversar com irmãos outrora afastados e até mesmo deixar a porta aberta para a salvação fora do cristianismo. Isso ecoa bem com o MIE, sua ênfase em fazer parte da comunidade e seu interesse em N. T. Wright, Paul Tillich e Karl Barth.⁷² Essa ênfase na tolerância e na receptividade é parte de uma grande mudança em movimentos teológicos recentes, tais como a Nova Perspectiva sobre Paulo e a Visão Federal.⁷³ Seguindo o romanismo e o anglicanismo, a ênfase vem passando da soteriologia para a eclesiologia. As questões mais importantes não são mais sobre como ser justo perante Deus (relacionadas à justificação e expiação), mas como fazer parte da comunidade do pacto.⁷⁴ Eles compartilham da opinião, seguindo Wright, de que a obra de

⁷⁰ Enquanto a opressão cultural deve ser evitada, Paul Helm observa que o apóstolo Paulo não evitou denunciar os erros de outras culturas e da igreja em diferentes culturas, quando percebia que estavam indo para longe dos padrões bíblicos objetivos. HELM, *No Easy Task*, p. 106.

⁷¹ No fim das contas, entretanto, o evangelho sempre será uma pedra de tropeço, um escândalo para aqueles que não creem. Um exemplo interessante é o artigo do *New York Times* que contém uma análise de Mark Driscoll e sua igreja à época. WORTHEN, Molly. Who would Jesus smack? *The New York Times*, 11 jan. 2009. Ao fim do artigo, nota-se que a articulista não está confortável com a abordagem do pregador, mas talvez ela se sinta mais desconfortável com o calvinismo dele. Se a igreja deseja seguir Jesus, isso significa ser missiológico e redentivo, mas também significa, muitas vezes, ser zombado e apedrejado, odiado e mal-entendido; ser contracultural.

⁷² WEBBER, *The Younger Evangelicals*, p. 110.

⁷³ GLEASON, *Church and community*, p. 174.

⁷⁴ O principal teólogo da Nova Perspectiva sobre Paulo é o ex-arcebispo anglicano de Durham N. T. Wright. Ele é uma grande influência na Federal Vision e no MIE. Suas obras são amplamente aceitas entre os principais proponentes do MIE, tais como Brian McLaren, que o cita frequentemente (*Generous Orthodoxy*, p. 18) e afirma seguir sua hermenêutica de amor. Wright fala muitas vezes em conferências do MIE. Ele oferece um elemento de respeitabilidade acadêmica perante as correntes evangélicas mais amplas. Sua negação da expiação como sendo algo central para o cristianismo, sua redefinição da justiça de Deus e sua recusa em aceitar a doutrina da imputação dupla ecoam profundamente o desejo do MIE de se livrar da expiação. Wright apela à autoridade da história como sendo mais importante que a compreensão tradicional da inerrância. Sua ênfase no reino presente com obras de justiça e retidão soa agradável ao grupo do MIE. Para excelentes introduções às ideias da Nova Perspectiva sobre Paulo e da Visão Federal, ver os livros de WATERS, Guy. *Justification and the New Perspectives on Paul: A Review and Response*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2004; *The Federal Vision and Covenant Theology: A Comparative Analysis*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, 2006. Para uma ótima análise sobre a influência e a semelhança entre N. T. Wright e o MIE, ver WATERS, It's "Wright," but is it right? Devo muito ao meu antigo colega de seminário, Rev. Gabriel Fluhrer, por me ajudar a compreender essas conexões.

Jesus trata principalmente do estabelecimento de um reino de amor e justiça na Terra: “As boas novas não são de que Jesus morreria na cruz para perdoar pecados, mas que Deus retornou e que todos foram convidados para participar com ele desse novo modo de viver...”⁷⁵ Acompanhada dessa inclinação quase universalista do MIE está uma negação aberta da doutrina do inferno como entendida tradicionalmente pela igreja cristã.⁷⁶

Esse chamado à tolerância pode alcançar limites perigosos. É perturbador ver McLaren afirmando que é possível ser um hindu e um seguidor de Cristo, apontando para um entendimento de que se trata mais de como viver do que de uma salvação pela graça.⁷⁷ Isso é muito semelhante ao antigo liberalismo que afirma que é mais importante como se vive do que se identificar com Cristo ao receber sua justiça, ao ser adotado, ao ser unido com ele, ao ser santificado diariamente e um dia ser glorificado.⁷⁸ O que na verdade deveria ser uma forma de libertar as pessoas é uma forma de aprisioná-las, pois faz com que precisem merecer sua salvação vivendo fielmente, ao invés de se basearem na justiça imputada de Cristo.

Recentemente, à medida que se avolumam as críticas do mundo evangélico, alguns grupos começaram a se fechar e a assumir uma atitude de vítimas de perseguição. Carson alerta quanto ao fato de que movimentos que começam com uma negação radical da igreja estabelecida muitas vezes caem no erro sectário de crer que são o único remanescente, e que ou se está com eles ou se está contra o evangelho verdadeiro.⁷⁹ McLaren muitas vezes assume uma pose humilde de estar ainda caminhando, tentando, enquanto afirma estar advogando uma ortodoxia que ninguém mais segue, algo tão novo e revolucionário que irá mudar a igreja para sempre. Em grande parte de suas conversas não há muito espaço para discordância, e as pessoas que destoam frequentemente são deixadas de lado.

⁷⁵ GIBBS e BOLGER, *Emerging Churches*, p. 54.

⁷⁶ Para uma boa avaliação da questão do MIE e a doutrina do inferno, ver: GILBERT, Greg D. *Saved from the wrath of God: An Examination of Brian McLaren's approach to the doctrine of Hell*. In: JOHNSON e GLEASON, *Reforming or Conforming?*

⁷⁷ MCLAREN, *Generous Orthodoxy*, p. 264; GILLEY, *The Emergent Church*, p. 287. Carson corretamente critica o MIE por não demonstrar para com a igreja histórica a mesma tolerância e equilíbrio que afirmam deveriam ser oferecidos a outras religiões. *Becoming Conversant*, p. 66.

⁷⁸ Igualmente perturbadora é a afirmação de McLaren de que é bem possível seguir a Jesus sem se identificar como um cristão, já que esse nome parece trazer uma reputação negativa atualmente. *Generous Orthodoxy*, p. 16.

⁷⁹ CARSON, *Becoming Conversant*, p. 155. Carson respondeu ao chamado do MIE para discutir e dialogar, para analisar extensivamente o movimento, mas foi recebido friamente por eles, pois o produto final era principalmente crítico. É fácil pregar tolerância e abertura para o diálogo apenas quando se dialoga com quem já concorda.

O MIE mostra-se bastante crítico acerca do protestantismo. Porém, como mostramos, várias de suas críticas são infundadas ou fortemente distorcidas pelo viés pós-moderno. Em suma, vemos que “aquilo que eles criticam é muito mais antigo do que pensam e o que afirmam raramente é tão novo quanto imaginam”.⁸⁰ O MIE decidiu se casar com o espírito de seu tempo, mas o espírito pós-moderno não é fiel a ninguém, e vai deixar a igreja de coração partido.

CONCLUSÃO

O mundo urbano do século 21 é verdadeiramente um lugar complexo e tem seus desafios específicos. Infelizmente, muitas vezes e de muitas maneiras a igreja tem se casado com o espírito de seu tempo. A viuvez se renova a cada geração e a igreja insiste em dizer que na próxima vez irá durar. Neste artigo investigamos dois movimentos recentes que buscam se adequar a seu tempo, mas para fazer isto deixam muito da fidelidade e das coisas que os distinguem como noiva de Cristo. Revitalização não é por esses caminhos.

O MIE bem como o movimento *seeker-sensitive* percebem corretamente muitas características de sua própria geração.⁸¹ Eles entendem bem, até certo ponto, como pensa a atual geração. Entretanto, parece que falta nos proponentes o desejo de negarem a si mesmos, de submeterem seu modo de viver e de pensar e a forma de ser igreja às Escrituras. Assim como a igreja moderna voltada para o mercado não negou a si mesmo seus desejos consumistas, o MIE não está sendo cuidadoso o suficiente ao controlar seus apetites pluralistas e relativistas. Suas soluções para os problemas que percebe na igreja e na sociedade têm uma dupla abordagem: abraçar o pós-modernismo e tentar reativar as práticas medievais e antigas. Ele o faz, entretanto, sem uma crítica adequada, tanto dos elementos pós-modernos quanto dos medievais, deixando de ser contracultural em relação ao pós-modernismo e não avaliando os aspectos condicionados à cultura dos elementos da pré-modernidade.

Além disto, o MIE falha em lidar adequadamente com a imensa diversidade de contextos culturais no cosmopolita século 21. O *diálogo emergente* não apela a todas as tribos e povos. O movimento, enquanto inovador em vários aspectos, não é tão novo quando gostaria de ser. Eles seguem uma linha histórica de negação e desdém da tradição e doutrina cristãs e decidem enfatizar o mistério, a comunidade e a experiência pessoal ao custo da verdade.⁸² O MIE falha em seu desejo de agir de forma diferente do que foi criado para fazer. O

⁸⁰ DEYOUNG e KLUCK, *Não quero um pastor bacana*, p. 190.

⁸¹ Carson corretamente relembra a seus leitores que as boas coisas que o MIE alcançou não são exclusivamente deles (*Becoming Conversant*, p. 56). Ele aponta para a igreja de Tim Keller, em New York, como um exemplo de como manter uma doutrina evangélica sadia e contextualizar com sucesso para uma geração descomprometida com o evangelho.

⁸² GLEASON, *Church and Community*, p. 178.

homem, criado à imagem de Deus, é capaz de pensar linear e racionalmente, pode alcançar verdades absolutas e pensar os pensamentos de Deus após ele. Os adeptos do MIE, seguindo o pós-modernismo, buscam negar todos esses elementos. Mas eles o fazem usando os próprios elementos que buscam denunciar. Suas ideias são lineares, eles esperam ser entendidos racionalmente e suas conversas enxergam o mundo em termos absolutos quando convém.⁸³ Em sua busca por diversidade, acabam se parecendo muito uns com os outros. Talvez a verdadeira diversidade requeira que se congregue com pessoas que não estão na moda, que não sabem muito sobre cultura pop, gente tipicamente urbana junto com aqueles que vêm de um ambiente rural. Muitos indivíduos da geração atual buscam esse tipo de diversidade. Esse tipo de igreja pode verdadeiramente tratar menos do indivíduo e seus sentimentos, suas experiências e sua individualidade, e mais sobre ser parte de um grupo diverso em que pessoas muito diferentes são unidas em Cristo.

Vale notar que, ao tentar se livrar de generalizações e elementos dogmáticos (supostamente autoritários), o MIE não é capaz de eliminar completamente tais coisas. Criado à imagem de Deus, o homem foi feito para habitar e funcionar no mundo de Deus, onde há absolutos e é possível sistematizar o conhecimento revelado de Deus e da criação. Assim como os filósofos pós-modernos vivem como se houvesse verdades absolutas (inconsistentes com sua filosofia), o MIE tem seus próprios dogmas e sistemas. Por exemplo, afirma a existência de Deus, seu amor, sua graça e sua generosidade; afirma a doutrina da Trindade, a vida histórica de Cristo, a ressurreição, etc. Afirma que há padrões morais de comportamento, mesmo que geralmente sejam mais frouxos do que o cristianismo histórico admitiria. Os emergentes não estão, entretanto, livres de limites, pois o ser humano não é capaz, na prática, de viver sem tais coisas. Parece que não é realmente uma questão de se livrar dos dogmas, mas de se livrar de dogmas que, por qualquer razão, eles não apreciam.

Na cultura ocidental atual, a maior parte dos movimentos que começam como subculturas revolucionárias rapidamente são assimilados e se tornam comuns. Uma rápida visita à livraria cristã mais próxima mostra que autores do MIE como Rob Bell e Brian McLaren estão lado a lado com evangélicos famosos como Max Lucado e Rick Warren e com a biografia de Sarah Palin. Sua rebelião agora é moda; suas ideias novas e ameaçadoras agora foram domesticadas.

Certamente há muitos no MIE que verdadeiramente amam Jesus Cristo e querem ser verdadeiros discípulos. Infelizmente, o movimento não é adequado para lidar com sua própria geração, pois falha em confrontar os erros de sua época. De fato, por um lado eles se entregam às afirmativas pós-modernas e, por outro, abandonam a solução histórica para tal erro.

⁸³ CARSON, *Becoming Conversant*, p. 84.

Este artigo não se dedica a sugerir muito em termos de caminhos para a revitalização, mas não iremos nos furtar a, pelo menos, indicar direções. Quando se trata de lidar com o espírito de nosso tempo, Tim Keller sugere um caminho melhor, fortemente calcado na teologia reformada.⁸⁴ Um caminho que mostra que o que precisamos não é seguir a última moda, seja esta moderna, pós ou pré-moderna. Precisamos seguir o que a Bíblia em seu ensino nos mostra acerca de viver e fazer discípulos, e fazer isto confrontando o espírito de nosso tempo de maneira contracultural. Precisamos parar de assumir a neutralidade do racionalismo empírico, mas a saída não é o relativismo, e sim fazer como Cornelius Van Til (seguindo Paulo) e checar os pressupostos e as bases do pensamento rebelde, sabendo que toda sorte de pensamento autônomo se levanta contra o conhecimento de Deus. Temos de cessar de tratar a Bíblia como apenas um conjunto de formulações dogmáticas, mas a solução não é nos livrar de metanarrativas e criar cada um o seu sentido. A solução é observar a metanarrativa de criação-queda-redenção-consumação, que é de onde surgem eternas formulações dogmáticas, e homens como Geerhardus Vos nos ajudarão tremendamente nesse projeto. Para combater a impessoalidade e falta de conexão da igreja o melhor não é criar igrejas sem liderança, sem regras ou sem limites, mas viver e conhecer a teologia profundamente experiencial dos puritanos, que remetem a Edwards, Calvino, Agostinho e aos apóstolos. Para combater o moralismo de tão grande parte da igreja evangélica, o que precisamos não é abandonar padrões de comportamento num vale-tudo-desde-que-ninguém-se-machuque emergente, mas de uma teologia de justificação pela fé que resulte sempre em santificação. Nós já temos em nossa história uma teologia que consiste num robusto mix de uma teologia não-racionalista mas revelacional, um cristianismo experiencial, uma metanarrativa teológica e uma moralidade não hipócrita.

A igreja se perdeu na floresta da modernidade e acha que a saída é o pântano pós-moderno, mas a verdadeira solução é um caminho estreito e que tem sinalização dada pelo próprio Deus. Ele corta pelo meio dos perigos e distrações da floresta e o mau-cheiro dos gases pantanosos. A igreja tem um caminho, e já o tem há séculos: ele envolve cruz e glória, sofrimento e também gozo, contracultura e sabedoria, justificação e santificação. O caminho se chama Emanuel. A revitalização da igreja envolve voltar ao primeiro amor, e não conseguir um substituto advindo da cultura vigente.

A solução é recusar-se a casar com o espírito da época. A solução é manter-se fiel em preparação para o casamento com o Senhor Jesus. Antes só

⁸⁴ Ver o texto *Post-everythings* (2005), disponível em: <http://www.scribd.com/doc/20635/Post-Everythings-by-Tim-Keller>. Em seu livro *Preaching: Communicating Faith in an Age of Skepticism* (New York: Viking, 2015), Keller sugere diversas formas úteis de comunicar a verdade do evangelho ao mundo atual sem perder a verdade bíblica.

do que mal acompanhada – a igreja deveria ouvir o velho conselho de nossas avós. O espírito do tempo pode parecer elegante e bonito, mas é um farsante. E, claro, nisso tudo lembrar-se que na verdade não está só, está se preparando para o único noivo que é digno dela. A jornada é importante sim, mas a festa de casamento é que irá longe...

ABSTRACT

The article addresses the chief traits and limitations of two ecclesiastical movements of North-American extraction that intend to be an answer to the needs of the complex world of today. One is the seeker-sensitive, seeker-friendly, or market-driven church movement, exemplified by the mega-churches that can be seen in the United States, Brazil, and other countries. Reasoning in terms of marketing, they seek to attract adherents by catering to a vast array of preferences and interests that are typical of modern consumer society. The author pays greater attention, however, to the so-called Emerging Church Movement (ECM), which, in its desire to speak to post-modern society, ends up denying or downplaying Christian tradition and doctrine, emphasizing instead mystery, community, and personal experience. In this endeavor, ECM prioritizes post-modern pluralism and relativism and embraces medieval and older practices. The author cautions against the dangers faced by every church that seeks to identify uncritically with the spirit of the times, modern or post-modern, since this can take place at the expense of faithfulness to Christ and his Word. Although the article does not have the purpose to suggest alternative, detailed proposals for church revitalization, it advances some guidelines based on the biblical metanarrative of creation-fall-redemption-consummation and the historical doctrines of Christ's work, justification by faith, and sanctification.

KEYWORDS

Seeker-sensitive churches; Emerging/emergent churches; Church revitalization; Spirit of the times; Modernity; Post-modernity; Pluralism; Relativism; Rationality; Metanarrative; Doctrine.